

# RESENHA

VOLUME 4 • NÚMERO 8 • VERÃO 2007

## *LEMBRAR ESCREVER ESQUECER*

*Jeanne Marie Gagnebin \**

*Ilana Viana do Amaral\*\**

---

\* Doutorado em Filosofia pela UNIVERSITÄT HEIDELBERG (RUPRECHT-KARLS), pós-doutorado pela ECOLE NORMALE SUPERIEURE DE PARIS. Professora da PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC-SP e Livre-docente da UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS-UNICAMPI.

\*\* Doutoranda em Filosofia pela PUC-SP e Professora de Filosofia na UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE.



**A**presentar o mais recente livro de JEANNE MARIE GAGNEBIN é, quero dizê-lo, antes de mais nada, tarefa que muito me honra. Quero dizer, não sem algum “abuso”, que fazer esta apresentação me honra não pelos conhecidos e evidentes méritos e credenciais acadêmicos do livro e de sua autora, que é, afinal, uma das maiores especialistas brasileiras em Walter Benjamin e na relação entre filosofia e literatura, relação difícil da qual o nome de Jeanne Marie é no Brasil, por certo, inseparável. Esta última, aliás, não é uma preocupação entre outras na atividade filosófica de Jeanne Marie, mas, antes, é a expressão de sua atenção com aquele que é o problema central da filosofia no século XX toda ela, qual seja, o problema da linguagem como *locus* da constituição mesma do sentido, relação que, como tal, se encontra no centro do diálogo entre filosofia e literatura tal como Jeanne Marie o tematiza ao longo de sua atividade acadêmica. Mas eu dizia que não é essa dimensão, séria e absolutamente competente da articulação especializada e cuidadosa das questões filosóficas, aquilo que me faz sentir honrada na tarefa de apresentar o mais recente livro de Jeanne Marie.

O que me honra, sobretudo, é poder apresentar um livro de uma autora que consegue ainda levantar questões, encontrar problemas e buscar respostas, que quer lembrar, portanto, para usar uma das categorias centrais do livro que ora se apresenta, que quer lembrar, dizia, das questões mais cruciais da vida social contemporânea como aquelas que podem justificar, finalmente, o próprio esforço do pensamento e de pensar. Ela nos lembra disso justamente quando a regra, no

universo da filosofia acadêmica que nos rodeia, parece ser o esquecimento. Se, como nos lembra Jeanne Marie em sua nota introdutória a *Lembrar escrever esquecer*, “seguindo as pegadas de Nietzsche, não (devemos) cair na ilusão narcísica de que a atividade intelectual e acadêmica possa encontrar sua justificação nesse trabalho de acumulação”, trabalho que é o da transmissão cultural e, neste caso em particular, da acumulação acadêmica da tradição filosófica, essa observação de Jeanne Marie adquire ares de manifesto num contexto no qual a filosofia universitária, para desviar Schopenhauer, esqueceu, dada a extensão da sua desertificação e esterilização, de encontrar uma fonte de inquietação, limitando-se e cada vez com menor interesse, ao trabalho de legista do conceito, de museu do pensamento. O que Jeanne Marie lembra, afinal, com este seu livro como em suas publicações anteriores, é de um solo histórico-social efetivo e problemático como único fundamento, infundado e iniludível, do próprio pensamento quando este sabe lembrar que não vem de si mesmo, que não é *causa sui*, mas que é justamente constituído no e mobilizado pelo contexto problemático total do qual emerge, contexto que é, como tal, lingüístico, político, ético, contexto no qual, portanto, o eu que enuncia o discurso filosófico é sempre já produzido “fora de si”.

É a isso que parece nos convidar a centralidade da relação crítica com o presente à qual Jeanne Marie alude, justamente em conclusão àquela sua referência a Nietzsche, quando nos lembra então da necessidade de esquecer, neste sentido da pura acumulação, para assim

abrir o presente em sua inteira significação, necessidade de esquecer que assim aparece, benjaminianamente, como dizer sim ao presente como tarefa crítica, isto é, como um dizer não; dizer sim e não que, deste modo, amarram no tempo presente o esquecer, ou seja, o assumir o presente como tarefa e o rememorar como o tornar presente outra vez o sido calado do passado. Aqui estamos muito distantes de um pensar que se autoproduz.

A dialética do lembrar e do esquecer aparece articulada ao longo do livro de Jeanne Marie sob vários ângulos. A busca por um outro sentido na leitura do legado homérico, busca que convida a uma atenção com o sentido e a palavra capaz de encontrar na polissemia do dito talvez a própria face da luta dos sentidos presentes no texto ou ainda as belíssimas páginas de Jeanne Marie contra o revisionismo e o relativismo que afinal tornam este revisionismo tolerável, são exercícios desta escuta do texto que, se atenta à letra, não quer nem pode esquecer ou obscurecer o contexto no qual, afinal, todo texto tem as suas condições de escrita e de transmissão, contexto que é sempre reconduzido por ela ao terreno que, para além do meramente polissêmico, é antes do mais polêmico.

*Lembrar esquecer escrever* situa-se, enquanto diálogo crítico com as grandes questões em torno da memória e do rememorar, como uma assunção privilegiada deste universo do *pólemos* que, já na cultura grega à qual Jeanne Marie sempre nos reconduz, era inseparável da atividade da linguagem, do logos em sua polissemia. Assim, se algo de extraordinário no deserto

acadêmico da filosofia hoje aparece nestas páginas de Jeanne Marie, este algo é justamente a relação inseparável do polissêmico e do polêmico, da linguagem e da luta sob um aspecto e com uma radicalidade em vias de desaparecimento no pensamento acadêmico brasileiro. Afinal, aquilo de que Jeanne Marie nos lembra é da incômoda tarefa que a reflexão teórico-crítica sobre o presente apresenta quando o esquecimento torna-se a regra e a auto-ilusão de grandiloquência substitui as questões que, afinal, nada novas, só podem tornar-se atuais na medida em que sejam de fato, atualizadas, tornadas, de algum modo, ato. A ausência na filosofia acadêmica no Brasil do levantamento crítico e de tematização das grandes questões políticas, éticas e estéticas que se dirigem a uma tomada de posição na escuta do passado que possa ir além e contra o mascaramento e a celebração oficiais dos que “continuam vencendo”, além e contra a produção da lembrança e do esquecimento segundo os ritos e os ritmos oficiais e estatais é interrompida pela obra de Jeanne Marie. Estas suas questões, que de fato podem interessar a alguém mais que aos seus próprios pares, acenam e lembram de um tipo de intelectual que parece estar em vias de extinção. Há apenas algumas semanas, a filosofia brasileira perdeu Bento Pardo Jr., que, aliás, foi o autor da orelha deste livro de Jeanne Marie e a quem ela dedica um dos seus ensaios, o belo “Platão, creio, estava doente”. Bento, como Jeanne Marie e alguns outros poucos, nos lembrava sempre da generosidade que o pensamento, mesmo nos limites da reflexão acadêmica da qual Nietzsche, chamado por Jeanne Marie, nos

convida a suspeitar, pode ser capaz quando este se sabe posto, quando este se sabe parte e, portanto, quando este sabe que deve escutar para além de si mesmo e do narcísico que o pensamento, tomado como princípio absoluto, ao fim e ao cabo, sempre termina significando. Possamos estar atentos ao convite de Jeanne Marie para lembrar e esquecer na justa medida da relação crítica com o tempo presente.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.**  
São Paulo: Editora 34, 2006. 220 p.